



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS  
MODERNAS LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

ANA BEATRIZ DANTAS COUTINHO

ENTRE BRUXARIA E JULGAMENTOS: Ancestralidade e  
resistência em *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*

JOÃO PESSOA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

ANA BEATRIZ DANTAS COUTINHO

ENTRE BRUXARIA E JULGAMENTOS: Ancestralidade e resistência em *Eu,*  
*Tituba – Bruxa Negra de Salém*

Trabalho de conclusão de curso apresentado para  
requerer o título de Licenciada em Língua Inglesa  
na Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elizabeth Peregrino  
Souto Maior Mendes

JOÃO PESSOA

2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C871e Coutinho, Ana Beatriz Dantas.

Entre bruxaria e julgamentos: ancestralidade e resistência em Eu, Tituba - Bruxa Negra de Salém / Ana Beatriz Dantas Coutinho. - João Pessoa, 2021.  
46 f.

Orientação: Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Condé, Maryse. 2. Literatura. 3. Eu, Tituba - bruxa negra de Salem. 4. Estudos Pós-coloniais. I. Mendes, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82

Aprovado em: 24/11/2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes  
**Orientadora**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Danielle De Luna E Silva  
**Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Juliana Henriques De Luna Freire  
**Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida De Oliveira  
**Suplente**

JOÃO PESSOA

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Eduardo e Lêda, que sempre me ensinaram a ser uma pessoa íntegra, resiliente e também, sobre a lei do retorno. Agradeço principalmente à minha mãe, que é meu símbolo de resistência: obrigada por rezar, me acolher e sempre buscar o que tenho de melhor, tentando sempre me escutar e aprender comigo, me ensinando sempre a ser paciente e respeitar a todos.

Ao meu irmão, João Pedro, que apesar dos pesares é em quem procuramos colo, apoio e ajuda um do outro.

À minha família, que em momento algum me deixou faltar algo. Às minhas tias, Edna e Eliane, que são minhas segundas mães e que sempre estiveram ao meu lado para comemorar minhas vitórias; às tias Fabíola e Patrícia, que nunca me deixaram faltar amor e carinho. A meu tio Bezerra, que é como um segundo pai e também nunca me deixou faltar nada. A todos esses acima agradeço imensamente por me ensinarem, também, o amor e respeito pela nossa profissão.

Às minhas primas, Maria Tereza e Maria Eliza, que são como irmãs, agradeço o apoio de sempre e todos os conselhos trocados. Às minhas sobrinhas Lara, Marina, Camila e Isabela, que todos os dias me trazem sorrisos inocentes e as alegrias de ser criança.

Aos meus ancestrais, Terezinha, Beatriz, Dudé, Eraldo e Margarida que me deixaram como legado a generosidade, teimosia e amor ao próximo.

Aos meus amigos de infância, Almir e Vitorya, os quais compartilho as dores e amores de sermos basicamente iguais. Obrigada pelas nossas profundas (ou não) conversas diárias e estarem sempre dispostos a dialogar.

Aos meus amigos da escola, Amanda, Laura, Netto, Vick, Elaine, que, mesmo com a distância, sei que torcem pela minha felicidade, assim como eu torço pela deles, vocês têm um lugar guardado em mim.

Aos meus amigos da UFPB, Andréia, Bruna, Jéssica, Jorja, Leo e Talita, que foram o maior e melhor presente que a universidade me deu. Serei sempre grata por todos ensinamentos, trocas de sabedoria, risadas e nossas eternas brincadeiras internas. Sempre nos perguntamos como um grupo tão grande ainda estava junto, e acredito que o segredo da nossa amizade está porque nunca quisemos ser um melhor do que o outro, sempre admirando e respeitando nossas peculiaridades e nos ajudando. Esse trabalho é para vocês.

À Carla, que tem me acompanhado desde o início do curso, me passando leveza, calma e dando apoio em exatamente tudo que me proponho a fazer. Obrigada pelo companheirismo, cuidado e tanto amor.

À Professora Elizabeth, por me fazer retomar o gosto pela literatura e descolonizar meus pensamentos centrados na hegemonia branca.

A todas as professoras que aceitaram fazer parte dessa banca, contribuindo para o aprimoramento deste trabalho e me ajudando a dar um passo maior.

À UFPB e a todos os professores que passaram pela minha trajetória, me impulsionando e ensinando o que fazer e também o que não fazer.

Por fim, agradecer a Deus e à natureza que me guiaram por um caminho de luz.

*“Ela me ensinou que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro. Que tudo deve ser respeitado. Que o homem não é um senhor percorrendo a cavalo seu reino.”*

(Maryse Condé)

## RESUMO

A literatura pós-colonial é capaz de trazer à tona os problemas que foram deixados pela tomada de poder dos países desfavorecidos por parte dos países de primeiro mundo. A procura por impor uma cultura diferente, fazendo com que pessoas fossem deslocadas e aniquiladas de sua própria existência para satisfazer apenas um povo, sucedeu em vários lugares do mundo. Um desses lugares foi na aldeia de Salém em 1692, onde homens e mulheres foram mortos acusados de bruxaria; contudo, apenas uma mulher sobreviveu à forca, e seu nome era Tituba. Embora tenha sido a única sobrevivente desse terrível evento, seu nome foi esquecido com o passar da história, o que se deve em grande parte por sua origem afro-caribenha. Por isso, neste trabalho, buscamos, a partir da obra de ficção-histórica *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*, escrito por Maryse Condé, fazer um registro das dores e amores que Tituba vivenciou. Sob a ótica dos Estudos Culturais e pós-coloniais, e utilizando como aporte teórico Silvia Federici (2019), Bill Ashcroft et al (2002 e 2013), Frantz Fanon (2008), Edward Said (1978), Thomas Bonicci (1998) e a própria Maryse Condé (2020), analisamos a trajetória da protagonista com o intuito de comprovar o emprego de estratégias de resistência a fim de se conectar com suas origens e se autoafirmar com a ajuda de seus ancestrais.

**Palavras-chave:** Maryse Condé; *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*; Estudos Pós-coloniais.

## ABSTRACT

Postcolonial literature is capable of bringing up the problems left by the seizure of power of the underdeveloped countries by first world countries. The search to impose a different culture, causing people to be displaced and annihilated of their own existence to satisfy only one group of people, took place in several places in the world. One of those places was the town of Salem in 1692, where men and women were killed accused of witchcraft. However, only one woman survived the gallows, and her name was Tituba. Although she was the only survivor of this terrible event, her name was forgotten over the course of history. This woman's erasure was due to her being Afro-Caribbean. That's why, in this work, we sought, from the fictional historic work, *I, Tituba — black witch of Salem*, written by Maryse Condé, to make a record of Tituba's experiences regarding her sorrows and also her love. To that end, following a Cultural and postcolonial studies perspective, we used theory by scholars such as Silvia Federici (2019), Bill Ashcroft et al. (2002 and 2013), Frantz Fanon (2008), Thomas Bonicci (1998) and Maryse Condé (2020) herself. We analyze the protagonist's path in order to prove the use of resistance by connecting with her origins and her process of self-affirmation being helped by her ancestors.

**Key words:** Maryse Condé; *I, Tituba — Black Witch of Salem*; Postcolonial studies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. MARYSE CONDÉ: UMA ESCRITORA ENTRE DOIS MUNDOS</b> .....	16
1.1. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA.....	16
1.2. EXPERIÊNCIAS DE VIDA E A RELAÇÃO COM A LINGUAGEM .....	18
1.3. CONDÉ E SUA ESCRITA POLÍTICA .....	19
<b>2. OS ESTUDOS CULTURAIS E PÓS-COLONIAIS</b> .....	22
2.1. ORIGENS, TEÓRICOS E FUNDAMENTOS.....	22
2.2. CONCEITOS PÓS-COLONIAIS: RECORTE TEÓRICO .....	25
2.2.1. Other .....	25
2.2.2. Displacement .....	26
2.2.3. Resistance .....	27
<b>3. ANÁLISE DA ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA EM <i>EU, TITUBA — BRUXA NEGRA DE SALÉM</i></b> .....	29
3.1. RESUMO DA OBRA.....	29
3.2. TITUBA: DESLOCAMENTOS, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história ocidental as mulheres vêm sendo estigmatizadas e rotuladas, sendo confinadas em muitas culturas à esfera doméstica e ao exercício de funções de cuidado e afeto para com os outros. Algumas destas mulheres foram apagadas da história, colocadas em segundo plano ou em posições meramente decorativas. Diante disso, é válido dizer que várias outras mulheres, por sua vez, foram perseguidas e demonizadas quando não se adequavam ao estilo de vida padrão, confinado ao exercício de funções domésticas. Por conseguinte, muitas delas foram chamadas de bruxas.

No que lhe diz respeito, a palavra bruxa, por definição, recebe usualmente uma conotação negativa, pois se refere a uma mulher má, velha e, muitas vezes, feia, que joga feitiços, se utiliza de magia para praticar o mal ou perseguir pessoas de bem executando planos de vingança. Além disso, bruxas supostamente compactuam com forças malignas, têm poderes sobrenaturais e os usam para praticar o mal. Conforme Macedo e Amaral (2005, p.10), a arte da bruxaria “faz parte da tradição cristã e designa uma arte diabólica que requer a interferência de espíritos sobrenaturais no sentido de provocar a ocorrência de determinados fatos”.

Na Europa Medieval, havia um extremo rigor e exigência do cumprimento dos papéis sociais de homens e mulheres. Enquanto a eles era reservado todos os direitos de acusar, perseguir e controlar os corpos femininos, a elas restava o casamento, a procriação e a obediência incondicional ao homem. Caso contrário, se desobedecessem às regras de comportamento imposta, lhes restavam poucas opções como a prostituição, decadência moral e o ostracismo social. De acordo com Silvia Federici (2018), uma vez que as mulheres não se enquadrassem no padrão de feminilidade da Europa medieval, elas já eram consideradas libertinas e indignas para o casamento. Por não se casarem, perdiam sua razão de existir enquanto seres humanos aos olhos da sociedade, que as considerava mulheres inúteis. Uma vez frustradas, caso viessem a praguejar para quem lhes negasse algo se tornavam alvos fáceis para acusações infundadas de bruxaria. Muitas dessas mulheres supostamente tidas como bruxas eram curandeiras e trabalhavam com ervas para fazer remédios, baseando-se no conhecimento popular. No entanto, ervas medicinais não tinham reconhecimento algum, mesmo que houvesse eficácia. Assim, acusações de bruxaria eram mais comuns entre as mulheres menos favorecidas na sociedade, que eram culpabilizadas por tentar sobreviver a todo custo resistindo à fome e à

pauperização. “...as mulheres foram acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural destituiu seus meios de sobrevivência, deixando-as sem nenhum recurso além da dependência da caridade de quem estava em melhores condições.” (Federici, 2018)

Assim como na Europa, a caça às bruxas havia sido instaurada e disseminada também nos Estados Unidos do século XVII, principalmente com a dominação territorial dos peregrinos conservadores. Estando sob domínio da terra e passando por um momento de transição econômica, a comunidade puritana estava muito ligada à agricultura e à igreja; sendo assim, os mais influentes homens detinham o poder sobre a comunidade que lideravam. Muitos seguidores desta sociedade em ascensão foram perseguidos, com a justificativa que o demônio estava rondando as vilas e tomando o corpo das pessoas para praticar o mal.

O caso das bruxas da aldeia de Salém, Massachusetts, revisitado na literatura e transformado em adaptações cinematográficas<sup>1</sup>, conta os eventos nos quais as pessoas, em especial mulheres, foram brutalmente julgadas e executadas por pessoas tradicionalistas que não entendiam costumes externos à suas próprias culturas.

Durante os anos de 1692 e 1693, houve julgamentos no Condado de Essex, estado de Massachusetts, porque um grupo de adolescentes começaram a agir de forma estranha e as pessoas da comunidade acusaram várias mulheres de serem bruxas. Em concordância com alguns historiadores, os acontecimentos da aldeia de Salém iniciaram quando membros da sociedade da época foram acusados de enfeitiçar meninas adolescentes que adoeceram ou se agitaram facilmente. Foi um caso de “histeria pública, movida por uma crença genuína na existência de bruxaria” (STATE, 2011, p. 35). Durante meses, essas pessoas foram julgadas, condenadas e encaminhadas para a forca. As audiências aconteciam da seguinte maneira:

[...] Alguém era acusado de feitiçaria e comparecia diante do juiz. O juiz fazia o acusado e as vítimas (as moças aflitas, como eram usualmente chamadas) ficarem frente a frente. Era comum as moças terem um novo ataque histérico diante do suposto feiticeiro. Os acusados eram enviados à prisão (...) o acusado era examinado. Havia uma crença generalizada de que a associação com o demônio produzia marcas no corpo: um tumor, uma mancha, regiões que não sangravam, polegar deformado. Submetidos a "tratamentos especiais", muitos réus acabavam confessando que, de fato, estavam associados ao demônio e realizavam feitiços contra a comunidade. [...] (KARNAL et al, 2007, p. 52)

---

<sup>1</sup> Adaptações como: THE Crucible. Nicholas Hytner. Produção da 20th Century Studios. USA: 20th Century Studios, 1966.

MAID of Salem. Frank Lloyd. Produção da Paramount Pictures. USA: Paramount Pictures, 1937.

Mas, até então, o que se sabe das histórias de vida destas mulheres em tal contexto específico da colonização do que viria a se tornar os Estados Unidos da América?

De antemão, se formos constatar nas provas reais do primeiro julgamento de Salém, só iremos encontrar registros de uma mulher caribenha chamada Tituba. Nos depoimentos que a mesma deu para os juízes no Tribunal, em 1692, percebe-se que as histórias de bruxaria contadas por Tituba para as mesmas meninas adolescentes foram a maior causa para o início desses julgamentos. Após as acusações feitas no julgamento de Tituba, esta assumiu ter pacto com o demônio e teve sua vida poupada. Brooks (2013) compreende que essa foi uma estratégia de sobrevivência, uma forma que ela encontrou de se livrar de seus crimes. Assim, Tituba foi a única mulher acusada de bruxaria que conseguiu se salvar da morte.

Diante de registros históricos tão escassos acerca da trajetória de uma personagem feminina tão marcante, o presente trabalho de conclusão de curso pretende evidenciar as relações existentes entre ancestralidade e a resistência na obra *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*, especialmente no que tange a representação que a autora caribenha Maryse Condé faz dessa figura, a nosso ver, fundamental. Condé deu vida à primeira mulher julgada no Tribunal de Salém, que, para ela, até então, era uma mulher desconhecida, porque as mulheres mais lembradas eram as bruxas brancas. Sobre tal apagamento, a escritora caribenha comenta que “Havia historiadores na Instituição em que eu trabalhava, mas ninguém conhecia Tituba e aparentemente não se interessavam por ela. Então eu decidi que eu mesma iria escrever uma história para ela” (Condé, 1996)<sup>2</sup>. O comentário da escritora reforça o apagamento histórico da personagem, cuja vida não se encontra totalmente registrada e que não está em registrado em tantos fatos históricos como as outras bruxas condenadas.

Já em outra entrevista (1993) Condé diz que reinventou Tituba, lhe deu uma infância, juventude e uma idade mais avançada e ainda assim a transformou em uma mulher forte, “[...] eu queria transformar Tituba em tipo uma heroína, uma heroína épica” (p. 738)<sup>3</sup>. A autora esperava que a protagonista do seu livro fosse lembrada, não só por ser uma bruxa de Salém,

---

<sup>2</sup> Do original: There were historians at the institution where I was teaching at the time, but they didn't know about Tituba and apparently, they weren't interested in her. So I decided that I would write a story for her myself.

<sup>3</sup> [...] I wanted to turn Tituba into a sort of female hero, an epic heroine [...]

mas também por ser uma mulher forte e empoderada. Para J. Nicole Jones (2020), “O próprio título é uma confissão descarada. *Eu, Tituba - Bruxa Negra de Salém* é uma reivindicação do lugar desta mulher na história e na literatura, e um ato de vingança contra a história que a esqueceu.”<sup>4</sup> Com isso Jones explicita outro motivo para Condé ter escrito uma história de vida para a protagonista da obra.

No romance condeniano podemos perceber a presença de uma personagem extremamente significativa, porém invisibilizada pela sociedade e pela história. Além de escravizadas inúmeras vezes, Tituba foi desprezada socialmente, subalternizada e punida pelos tribunais ao confessar suas práticas de bruxaria. Ela foi a única mulher que “admitiu” e se empoderou de fazer parte de forças ocultas e, talvez por isso foi, não inocentada, mas vendida para outro comerciante de escravos.

Para este efeito, esta pesquisa de cunho bibliográfico objetiva fornecer uma análise do romance *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*, da autora caribenha Maryse Condé, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e pós-coloniais. Vários fatores geraram em mim o interesse de discorrer sobre este romance específico. O que me chama atenção é forma como Maryse Condé faz o leitor viajar de Barbados até o Novo Mundo, mostrando uma diferente visão de mundo no século XVII, além de colocar em evidência a história de uma mulher já esquecida pela história, fazendo com que ela pudesse viver novamente, mesmo que através de uma narrativa ficcional.

Dois aspectos centrais vão nos interessar ao longo deste trabalho de conclusão de curso - a questão da ancestralidade e a da resistência. Na trajetória da personagem, observa-se que embora haja um afastamento geográfico de sua terra natal, uma vez que a personagem é retirada de Barbados e vai para o Novo Mundo durante um período significativo de tempo, Tituba vai carregar consigo os seus valores e crenças ancestrais.

No romance em tela, a protagonista Tituba terá sua trajetória narrada desde a origem dos seus antepassados, as dores sentidas pela sua mãe, o nascimento da protagonista e os eventos que a mesma sofreu, as formas de enfrentamento e estratégias por ela utilizadas para resistir às imposições culturais, linguísticas, religiosas e como ela lida com um povo que nunca lhe acolheu como pessoa. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar a trajetória de Tituba no romance com o intuito de analisar os efeitos do racismo, machismo e

---

<sup>4</sup> Do original: The title itself is an unashamed confession. I, Tituba ... Black Witch of Salem is a reclamation of this woman's place in history and literature, and an act of revenge on the history that forgot her.

intolerância religiosa sobre a protagonista. Para tal efeito, esta pesquisa objetiva se ater a dois principais questionamentos: a) *Quais são as formas de resistência empregadas por Tituba para resistir às culturas hegemônicas a ela imposta?* e b) *Até que ponto a ancestralidade auxilia a protagonista no decorrer de sua trajetória no processo de resistir e se reconciliar com sua identidade?*

Ao pesquisar sobre o romance e autora no Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba não foi encontrado nenhum trabalho de conclusão de curso usando os títulos. Já na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações, apenas dois discorrem sobre a obra, mas sob uma ótica distinta daquela que utilizaremos ao longo do trabalho. Nosso objetivo maior na pesquisa é evidenciar a importância histórica de Tituba, personagem tão silenciada ao longo do tempo.

O presente trabalho de conclusão de curso será subdividido da seguinte maneira: o próximo capítulo apresentará um panorama histórico sobre a autora e sua escrita. Em seguida, será feita uma exposição da fundamentação histórica que norteou essa pesquisa. Já no capítulo três, a análise da obra será apresentada, sob o viés dos Estudos Culturais e pós-coloniais, onde será possível comprovar a importância da ancestralidade da protagonista como impulsionadora para sua resistência. Por fim, na conclusão, oferecemos alguns caminhos possíveis para as questões levantadas ao longo do trabalho.

# 1. MARYSE CONDÉ: UMA ESCRITORA ENTRE DOIS MUNDOS

## 1.1. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA

Maryse Condé, escritora antilhana<sup>5</sup>, nasceu na ilha de Guadalupe, na cidade mais populosa do país, Pointe-à-Pitre, território ultramarino da França, em 11 de fevereiro de 1937. Ela foi a oitava filha do casal Auguste Boucolon e Jeanne Quidal, que não privaram seus filhos de tudo que uma família economicamente estável podia usufruir.

De acordo com a própria autora na autobiografia *Maryse Condé: Une voix singulière* (2013), quando vivia em seu país de origem, ela e seus irmãos eram submetidos a regras de comportamento bastante rígidas, devendo sempre ser acompanhados de uma preceptora ou de um irmão mais velho, se comportar corretamente, como por exemplo, não correndo pelas ruas da cidade.

Um ponto de destaque era que as crianças também não podiam se misturar com as pessoas negras e mulatas da região, pois a crença dizia que pessoas de pele escura eram analfabetas e sem educação. Além disso, eles também não podiam xingar ou muito menos falar na sua língua oficial, o crioulo, enquanto estavam em casa porque esta era considerada uma língua inferior.

De acordo com Sansavior (2017), Maryse Condé deixou Guadalupe para seguir seus sonhos em Paris aos 16 anos. Na cidade-luz, teve a oportunidade de estudar na renomada Universidade de Sorbonne, onde obteve os títulos de graduação e doutorado. Foi justamente após fixar residência na capital francesa, no auge de sua juventude, que Condé reconheceu suas raízes de mulher negra, e se viu um ser socialmente diferenciado pela primeira vez em sua vida. Na mesma Paris a autora conheceu Mamadou Condé, um ator guineense, com quem se casou e juntos se mudaram para Guiné, levando junto o primeiro filho de Condé, fruto de uma relação anterior com um jornalista haitiano.

---

<sup>5</sup> Nas Antilhas, existem grupos de países que falam diversas línguas, um desses grupos são as Antilhas francesas ou o Caribe francês, onde fica o território ultramarino francês, Guadalupe, lugar onde Maryse Condé nasceu.

Segundo o site *Île en île*<sup>6</sup>, o casamento em 1959 com Mamadou Condé, que originou três filhas, foi considerado pela própria escritora como um erro em sua vida. Após o fim do relacionamento, a escritora partiu para Gana em 1964 onde viveu até o golpe de estado de 1966. Desse país, Condé foi deportada para a Inglaterra, onde trabalhou como jornalista para a BBC. Posteriormente, em 1968, foi trabalhar no Senegal, onde conheceu seu atual marido e tradutor de muitas de suas obras, Richard Philcox. Tratando-se de um homem branco, Condé se questionava bastante sobre o assunto de se unir a ele, “É muito estranho. É uma contradição que eu nunca entendi. Como uma mulher, militante das causas nacionalistas africanas, se apaixonou e se casa com um homem inglês e viaja com ele para o outro lado do mundo?” (*Île en île*, 2013).

Em 1986, Condé volta a Guadalupe, desempregada, tentando se reconectar com sua cultura, percebendo que sua terra natal está mais aberta para ela e não a vê mais como mais uma pessoa que fugiu para o país colonizador: “Tive a sorte de ter voltado neste momento, porque agora Guadalupe está mais aberta, mais curiosa, mais pronta para aceitar pessoas e valores do exterior. A situação é decididamente diferente agora.” (CLARK, 1989, p. 107).

Por conseguinte, a escritora foi morar nos Estados Unidos com seu esposo, convidada, de início, para trabalhar como professora de literatura francesa na Universidade de Berkeley e então em várias universidades ao redor do país: Universidade da Virgínia, Universidade de Maryland, Harvard e por fim, na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Ela se aposentou em 2005, pela Columbia, deixando um legado grandioso, como o Centro de Francês e Estudos Francófonos, o qual ela ajudou a criar em 1997.

De acordo com Peters (2019), Condé e seu atual marido estão morando na França há seis anos devido a uma doença acometida pela escritora, que ocasiona dificuldade para ver, andar e falar. Os projetos mais recentes de Maryse Condé incluem os livros “*The Wondrous and Tragic Life of Ivan and Ivana*” (2020) e “*Waiting for the Waters to Rise*” (2021), ambos traduzidos por Richard Philcox.

Segundo Sansavior, Condé é reconhecida como a “autora guadalupense”, reputação que foi construída após ela deixar o país e ir morar na França e Estados Unidos. Foi agraciada com uma série de prêmios literários, dentre os quais *Le Grand Prix Littéraire de la Femme*, em 1987, um dos mais importantes da França. Em 2018 a autora recebeu o Prêmio Nobel de Literatura

---

<sup>6</sup> Site de acesso gratuito que oferece ricas informações sobre autores francófonos. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/0-presentation/>

por sua carreira literária e em 2020 foi contemplada pelo presidente francês, Emmanuel Macron, com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Nacional da França.

## 1.2. EXPERIÊNCIAS DE VIDA E A RELAÇÃO COM A LINGUAGEM

Com o intuito de se tornar uma acadêmica, Condé chega a França ainda muito jovem. Era muito comum os jovens das ilhas francófonas se mudarem para a capital francesa a fim de estudar. Tendo o francês como sua primeira língua, não foi difícil encontrar espaços de estudo importantes em Paris - o primeiro deles, Liceu Fenelon, e depois a renomada Sorbonne. No entanto, foi em Paris que Condé descobriu sua negritude, pois começou a sofrer com o racismo dos próprios professores. Numa entrevista para Clark (1989), a autora afirma que o pai de uma amiga sua lhe apresentou a obras de autores negros e a levou em um encontro com líderes africanos e caribenhos, como Aimé Césaire. Essa experiência marcou o início de seu aprendizado sobre colonialismo e escravização.

Diante disso, Condé se muda para a África, em busca de suas raízes, mas se decepciona ao perceber que a língua diz mais respeito à cultura do que um código de comunicação. O que ela encontrou em Guiné foram pessoas que tinham pouco em comum com ela além da cor da pele:

Eu fiz uma descoberta importante na África: eu não compartilhava a mesma língua das pessoas da Guiné. Não comíamos a mesma comida - isso pode parecer banal, mas é importante - Nós não nos vestíamos da mesma maneira, não gostávamos do mesmo tipo de música, não tínhamos a mesma religião. Ao cabo de alguns meses, eu me sentia terrivelmente só. Eu não podia sequer me comunicar com o meu marido guineense. Então, fiz uma segunda descoberta: a raça, decididamente, não é uma característica essencial. O que conta, é a cultura. Como eu não compartilhava a cultura das pessoas da Guiné, nem a dos africanos, deixei a África e, conseqüentemente, meu casamento fracassou. (Condé, 2000, p.47 apud Batalha, 2017, p. 128)

Entendendo algumas as experiências de vida de Condé, podemos afirmar que, somente ao deixar sua terra natal, a escritora pode dar valor às suas origens. Assim ela observa as pessoas caribenhas: “Eu vejo a cultura caribenha viva ao meu redor, mas talvez as pessoas do Caribe, que a possuem, nem sempre têm esse sentimento que ela é preciosa ou valiosa” (CONDÉ, 2020,

p. 105)<sup>7</sup>.

Ao voltar para sua terra natal, a escritora procura se reconectar com sua terra e também fazer as pazes com o crioulo, língua dos guadalupenses. Nas Antilhas ela encontrou um território de grande criatividade, levando em conta todas as influências que a ilha de Guadalupe recebeu durante as invasões e colonização europeia, fazendo culturas se misturarem.

No entanto, numa entrevista para seu esposo, Richard Philcox, Condé relata que seus pais não falavam crioulo, mas o francês que eles falavam recebia grande influência da língua nativa,

“Meus pais e seus amigos, mesmo que eles não falassem crioulo, o francês que eles falavam tinha contato direto com o crioulo. Eles diziam coisas do tipo ‘Eu levei uma queda’ ao invés de dizer ‘Eu caí’, etc. O que eu achava fascinante era reintroduzir aquelas imagens de um francês crioulo na minha escrita.” (Condé, 2020, 108).

Então mesmo que Condé e seus irmãos, durante a infância, fossem coibidos a não terem contato com o crioulo, seus pais faziam uso indireto dele, fazendo com que a língua fosse intrínseca à cultura.

De acordo com a própria autora (2020), sem as constantes mudanças e experiências vividas em outros países e culturas, ela não teria tomado consciência do seu lugar no mundo como mulher negra e caribenha, assim como fala Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), “No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais.” (p. 28) Condé, então, seria uma cópia de uma pessoa francesa num mundo branco, onde ela não se encaixa. Desse modo, quando jovem e em Guadalupe, a autora não consegue perceber o peso que sua cor tem, porque, por ter uma condição de vida melhor, ela não se misturava com as pessoas mais desfavorecidas falantes do crioulo. A autora só percebe que usava uma máscara branca quando se muda para Paris e sofre racismo por parte das pessoas tidas como “civilizadas”.

### 1.3. CONDÉ E SUA ESCRITA POLÍTICA

De acordo com Sanviour (2017), a carreira de Maryse Condé é bastante peculiar pois, assim como outros renomados autores caribenhos, a autora viveu em Paris, mas sua estadia nos países africanos torna sua escrita única e significativa. Além de romances, a escritora também

---

<sup>7</sup> Do original: I see Caribbean culture being lived all around me but perhaps the people of the Caribbean, who possess it, don't Always have the feeling that it is precious or valuable.

já produziu vários artigos acadêmicos tanto em francês como em inglês e também já trabalhou escrevendo peças de teatro.

Para Pinheiro-Mariz (2020), toda as experiências de Condé, ou seja, suas viagens pelo mundo, trouxeram uma formação e conhecimento político que transformam sua escrita em luta para trazer reconhecimento para a comunidade negra, feminina e caribenha:

Esse é um caminho exclusivo, pois a partir das diversas experiências, ela traz em sua ficção a dor de seus ancestrais, [...] fazendo permanecer viva a memória, os valores socioculturais e a força de gerações passadas a partir dessa língua tão própria, tão “Maryse Condé”. (PINHEIRO-MARIZ, 2020, p.49)

Ao se reconhecer como uma mulher afro-caribenha, Condé encara um projeto de mostrar aos seus leitores, em forma de ficção, que o Caribe e África coexistem antes e além de seus colonizadores. A escritora tem investido o seu tempo em esclarecer os leitores sobre as lutas das gerações passadas nos países colonizados pela Europa contra a escravidão e racismo.

Em 1976, Condé lança uma de suas primeiras obras, intitulada *Hérémakhonon*, onde faz um relato da história de vida de uma mulher caribenha que viaja para a África em busca de suas raízes, assim como a própria autora da obra. Bryant et al (2000) afirmam que essa história foi inspirada pela experiência de vida da autora em Guiné.

De acordo com a *Encyclopedia Britannica*, as obras *Segou* (1984) e *Segou II* (1986) foram os primeiros *best sellers* de Condé. Ambientados em uma região onde hoje em dia seria parte de Mali, os dois romances descrevem os relatos devastadores da chegada do “comércio escravista, islamismo, cristianismo e a colonização pela realeza no período de 1797 a 1860”. Para Angrey (2002) estes livros ficaram muito famosos porque Condé escreve sobre um passado em África que permite os africanos e caribenhos compreenderem que o estudo da literatura negro-africana está atrelado às histórias não contadas, as quais muitos não têm sequer a oportunidade de estudar ou pesquisar.

Em *Eu, Tituba — Bruxa Begra de Salém* (1986), Condé revisita o Caribe, mais especificamente Barbados, e narra a história de uma personagem que possui várias personalidades em uma só - Tituba é mulher, escravizada e bruxa. Após presenciar o assassinato de sua mãe, Tituba foge da *plantation* e passa a viver numa cabana na floresta, onde é criada por Man Yaya, que irá lhe ensinar tudo sobre a vida e a bruxaria. Nessa parte da narrativa ela

vivencia o significado de ser bruxa, mas como alguém que intervém pelos doentes e pratica o bem.

Entretanto, quando conhece o escravizado John Indien, um homem negro, ela irá vivenciar a escravidão, pois abdica de sua liberdade por este homem. Tituba passa a morar com Indien em uma plantation sob o jugo de Susanna Endicott, e sofre as agruras de uma vida em que não é reconhecida como ser humano e é vendida para um religioso a caminho do Novo Mundo, em país de cultura totalmente diferente da sua.

Em sua passagem pelo que viria a se tornar os Estados Unidos, Tituba encara costumes que são completamente divergentes de suas crenças e é julgada por pessoas cristãs e puritanas, temos como exemplo o pastor Samuel Parris, maior representante de peregrino da obra. No enredo do romance está inserida a personagem Hester, protagonista do livro “A letra escarlata” de Nathaniel Hawthorne, julgada e condenada por adultério pelas mesmas pessoas que prenderam Tituba. Em *Eu, Tituba – Bruxa Negra de Salém*, Hester e Tituba se tornam grandes amigas de Tituba no período de convivência na prisão. Sobre isto, a autora discorre “existe uma ligação entre Tituba e Nathaniel Hawthorne”, dando a entender que as duas pessoas viveram na mesma época e possivelmente em locais próximos, pois o homem que julgou a personagem era avô de Hawthorne. (CONDÉ, 1992, p. 203).

Para Batalha (2017) a passagem de Tituba por Salém acontece ao percorrermos parte da história das bruxas com a personagem:

[...] nos é então contado a partir da visão mágica de Tituba e de seu povo, retomando assim, pelo viés da ficção, a dimensão subjetiva que a protagonista lhe imputa. O recurso ao insólito permite dar a palavra a uma personagem da História que o discurso oficial não quis levar em consideração em seus registros. (BATALHA, 2017, p. 130)

Apesar disso, é válido salientar que Condé não considera esta obra um romance histórico, pois sua maior preocupação foi criar uma vida para a personagem, inventando uma trama intrigante com ciclos e fases. Neste recorte fictício da história, Condé traz à tona sofrimentos de vários graus, seja ele de pessoas caribenhas ou negras, ou os dois em conjunto, onde se entrelaçam raça, cultura e gênero, para lembrar ao leitor que essas pessoas não tiveram voz contra seus algozes e suas histórias não foram contadas, muito menos celebradas.

A próxima seção objetivará apresentar o aporte teórico utilizado nesta pesquisa, investigando os principais conceitos que embasaram nossa análise.

## 2. OS ESTUDOS CULTURAIS E PÓS-COLONIAIS

### 2.1. ORIGENS, TEÓRICOS E FUNDAMENTOS

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra nos anos de 1950, com o intuito de abranger a literatura que está diretamente ligada à cultura de quem escreve. Para Stuart Hall (2005), “O objetivo era começar uma pesquisa na área de cultura e sociedade contemporânea: formas culturais, práticas e instituições, sua relação com a sociedade e a mudança social.”<sup>8</sup> Dessa forma, estes estudos falam sobre a pluralidade de diferentes culturas que coexistem na sociedade depois da imposição dos costumes dos dominadores.

Diante disso, os Estudos Culturais observam cada personagem presente na história analisada, o tipo de linguagem falada, os incidentes que os afligem e seus valores para determinada sociedade. “Essa espécie de investigação evidentemente revela também o investigador, porque ele só pode atingir seus fins a partir de decisões sobre esses mesmos valores que o definem em relação a eles.” (BORDINI, 2006, p. 14). Dessa forma, a obra depende não só do escritor, bem como do ponto de vista do leitor e de sua vivência, pois esse é o indicativo que guiará sua forma de adentrar em determinada história.

Segundo Prysthon (2010), os países de terceiro mundo não se identificavam com as lutas ideológicas pautadas pelos movimentos dos países de primeiro mundo, uma vez que as necessidades dos países outrora colonizados eram diferentes. Então, quando falamos de países de terceiro mundo, geralmente falamos de países que sofreram os efeitos da colonização e do imperialismo europeu. O pós-colonialismo surgiu então para falar sobre o outro e a alteridade que o acompanha, pois investiga a perspectiva do colonizado, para colocar em contraponto as dicotomias que existiam nesses mundos separados entre dominadores e dominados.

Um dos textos fundadores dos Estudos Pós-Coloniais é *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*, de Edward Said. Os Estudos Pós-Coloniais são, na verdade, desdobramentos dos Estudos Culturais da Escola de Birmingham. Esta Escola interpreta a cultura como um *locus* das relações de poder. Said (1978) descreve o “orientalismo” como uma lente distorcida que enxerga o oriente não como aquilo que realmente é, mas como o ocidente

---

<sup>8</sup>Do original: The aim was to inaugurate research in the area of contemporary culture and society: cultural forms, practices and institutions, their relation to society and social change.

quer que ele seja. Assim, é um discurso construído que reduz o oriente a uma ideia única, perspectiva essa que é reducionista e não dá conta de sua complexidade. Ajudado pela expansão dos impérios europeus (principalmente o francês e inglês) no século dezanove, o orientalismo repousa em uma ideia eivada de preconceitos de que o mundo oriental é habitado por pessoas selvagens, bárbaras e sem sofisticação cultural, e que por isso precisam ser “civilizadas” pela Europa, resgatadas das trevas da ignorância e trazidas para a luz. Na verdade, o intuito do ocidente era controlar ideologicamente o oriente, de forma que pudesse difundir sua cultura e seu modo de pensar, dominando os povos localizados fora da Europa em uma relação de subordinação e infantilização. Assim, propagou-se a ideia de que o oriente precisava da intervenção europeia e de sua missão civilizatória a fim de sair do seu estágio de desumanidade, deixar a barbárie e atingir um grau desejável de civilização.

De acordo com Staszak (2008), a ação dos países hegemônicos e dos seus Impérios no leste do globo, de tão bem arquitetada, foi capaz de sustentar universalismos, estereótipos e representações culturais de dominação difundidos pelo mundo até os dias de hoje. A África por exemplo, ainda é considerada um continente de atraso e retrocesso pois, em lugar do progresso, esconde superstições, miséria, escravidão e decadência. Já os povos de religião muçulmana, em seu turno, são tidos como retrógrados e afeitos à violência gratuita e à barbárie. Dessa forma, do mesmo modo que a Europa garantiu sua superioridade e hegemonia sobre as “outras culturas” naquele século, o neo-imperialismo continua se alimentando dessas representações para justificar ataques e invasões na contemporaneidade.

Então, conforme Edward Said (1978), o interesse da Europa e Estados Unidos não era apenas político, econômico e militar, mas também simbólico. Se a Europa assume o seu papel de detentora do saber, o EU hegemônico, fica fácil sobrepor sua cultura como a referência acima das demais, instaurar sua superioridade, reforçando a dicotomia com a outra parte do mundo que não dispõe do conhecimento formal, ou seja, o OUTRO periférico.

A essa separação se dá o nome de binarismo. De acordo com Al-Said (2014), o intuito dos estudos pós-coloniais é colocar essa dualidade em pares para fazer a diferença entre algo que é dominante e algo que é dominado, para sabermos que há uma oposição de termos categorizados. Essa divisão representa como os países de primeiro mundo conseguiram estruturar o mundo em dois, um lado sendo superior e o outro, inferior.

Ashcroft et al. (2013) alegam que, a fim de reforçar as oposições já instauradas, as dualidades dos termos objetivam dar um efeito de discrepância e desarmonia entre elementos opostos. A título de exemplo, nos pares Ocidente/Oriente, colonizador/colonizado, dono/servo

e civilizado/primitivo haveria uma pressuposição de superioridade do primeiro em relação ao segundo. Logo, o binarismo elenca a combinação e complementação entre dois termos contrários, com intuito de manter dois mundos divididos, em que suas diferenças não possam coexistir.

As consequências geradas pela colonização são inúmeras, podemos citar os índices baixos de desenvolvimento socioeconômico de países outrora colonizados por metrópoles europeias, os problemas de ordem política, o alto índice de endividamento dentre tantos outros. Sabemos que os efeitos da colonização são sentidos até os dias atuais, daí o debate acerca do prefixo “pós”:

Usamos o termo "pós-colonial", no entanto, para abranger toda a cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até o dia de hoje. Isso ocorre porque há uma continuidade de preocupações ao longo do processo histórico iniciado pela agressão do imperial europeu. Também sugerimos que esse seja o termo mais apropriado para a nova crítica intercultural que surgiu nos últimos anos e pelo discurso através do qual isso se constitui. (ASHCROFT et al, 2002, p. 2)<sup>9</sup>

É justamente por isso que os Estudos Pós-Coloniais são necessários, pois tentam quebrar a ideia de suposta hegemonia por parte dos países colonizadores, tidos como superiores, cujas línguas eram consideradas as línguas padrões a serem almeçadas pelos povos colonizados. O que houve foi um processo de invasão por parte dos impérios europeus que conquistaram países de culturas milenares para sobre eles impor a sua própria cultura. Para Oliveira (2009), não existe uma linguagem ou cultura ideal, e sim culturas. Nenhuma cultura está acima da outra, dessa forma um povo não pode almejar estar acima de outro.

Para Bonicci (1998), os estudos pós-coloniais tiveram também um papel preponderante por dar visibilidade a literaturas produzidas por diversos autores localizados em países outrora colonizados. Estes tiveram a oportunidade e o direito, por exemplo, de ganhar prêmios literários considerados importantes, premiações estas que antes eram exclusivas para escritores oriundos

---

<sup>9</sup> Do original: We use the term ‘post-colonial’, however, to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day. This is because there is a continuity of preoccupations throughout the historical process initiated by European imperial aggression. We also suggest that it is most appropriate as the term for the new cross-cultural criticism which has emerged in recent years and for the discourse through which this is constituted.

de culturas hegemônicas<sup>10</sup>. Podemos, então, depreender que a ascensão dos estudos coloniais ocasionou uma ruptura com a literatura produzida apenas pelo mundo hegemônico. Autores como Frantz Fanon e Edward Said começaram a ser consumidos e publicados ao redor do globo, gerando uma conscientização maior nas pessoas sobre a importância de descentralizar o conhecimento e o *locus* de saberes acadêmicos.

Na próxima seção, elencamos os principais termos usados neste trabalho de conclusão de curso.

## 2.2. CONCEITOS PÓS-COLONIAIS: RECORTE TEÓRICO

Para melhor compreensão do capítulo analítico, julgamos ser necessário uma explanação acerca de alguns conceitos da teoria pós-colonial que serão úteis para a análise da obra literária *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*, que será proposta no capítulo seguinte. Acreditamos que haja uma interligação direta entre os termos, que auxiliará no entendimento das questões da ancestralidade e resistência a serem abordadas nas seções futuras do presente trabalho.

### 2.2.1. Other

Toda pessoa que é dita como “outro” é uma pessoa divergente dos indivíduos considerados superiores, cultos e que estão dentro do padrão respeitado por aquela sociedade colonizadora. Esse termo separa a existência humana em dois grupos: as pessoas que dominam e as pessoas dominadas, pressupondo a existência de um “eu”, central, parâmetro de todas as coisas, centro do saber, localizado na Europa, ou seja, os detentores do conhecimento, da racionalidade e do cientificismo, e o “outro” que são todas as pessoas subalternas e de cultura inferior, irracionais, bárbaras e não- civilizadas.

De acordo com Staszak (2008), a característica de outridade das pessoas subalternizadas era condição para sua marginalização, ou seja, só os grupos dominantes, habitantes dos países

---

<sup>10</sup> Autores como o sul-africanos J. M. Coetzee e Nadide Gordimer.

de primeiro mundo, estavam em posição privilegiada e podiam rotular as pessoas consideradas inferiores. Consequentemente, a Europa se torna o “eu” e os países de terceiro mundo os “outros”, sobre quem detinham o poder e justificavam a dominação. Tornar esses sujeitos periféricos “outros”, ou seja, outremizá-los, foi uma estratégia necessária para justificar invasões, opressão, genocídio e desmantelamento das sociedades autóctones.

Segundo Bonicci (1998), há uma hierarquia formada a partir da existência entre o sujeito e o objeto, onde o sujeito é quem oprime/ domina e o objeto (other) é o oprimido/ dominado. Quando a pessoa que é subalternizada não consegue lutar contra aquela forma de poder, ele se cala e tende apenas a obedecer. Dessa forma o Império se afirma no rebaixamento do outro subalterno para que, além de diferente, ele também sinta sua inferioridade. Assim, Spivak (1985 apud Bonicci 1998) afirma, “O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar” em concordância com Kilomba (2019), que reitera essa fala dizendo que de nada adiantaria o subalterno falar, pois ele não seria escutado.

### 2.2.2. Displacement

Quando mencionamos o termo *displacement*, ou deslocamento, geralmente o relacionamos a uma crise existencial pela qual um sujeito passa ou está passando. Esta crise é desenvolvida porque a pessoa não está se sentindo pertencente a si mesma ou ao lugar em que está vivendo. Tem ligação direta, portanto, com o termo *dislocation*, que se refere a uma mudança de um lugar para outro, um deslocamento forçado por meio de escravidão, expulsão, aniquilação ou diáspora.

Ashcroft et al. (2002) afirma que o deslocamento pode ser causado por escravidão, transportação ou uma ida “voluntária” a um lugar para trabalhar por meio de contrato. Pode ser também algo ocasionado pelo desmantelamento e destruição cultural daquele determinado lugar, fazendo o uso de força, reprimindo culturas e sociedades, consciente ou inconscientemente agindo de forma para impor um modelo racial ou cultural supostamente superior.

“Em cada caso, uma condição de alienação é inevitável até que a língua colonizadora seja substituída [...] Que o imperialismo resulte em uma profunda alienação linguística é obviamente o caso em culturas em que uma cultura pré-colonial é suprimida por

conquista militar ou escravidão.” (Ashcroft et al., 2002, p. 10)<sup>11</sup>

A violenta tomada de terras por meio das pessoas consideradas civilizadas afetou diretamente a vida daqueles que tiveram suas terras e vidas usurpadas. Obrigadas a deixar seu local de origem, impedidas de cultuar seus deuses, falar seus idiomas originais ou de propagar sua cultura, as populações periféricas se viram à mercê de civilizações hegemônicas, e precisavam se manter quietos e reservados a fim de sobreviver. O deslocamento físico desses povos não ocasionou apenas um distanciamento de suas raízes, como também a perda de autonomia e um apagamento cultural. Isso fez com que as pessoas autóctones ou escravizadas se alienassem para se assimilarem à cultura do dominador.

### 2.2.3. Resistance

Por fim, este último termo pós-colonial, a resistência, corresponde a toda forma de determinação de uma pessoa sob domínio de algum tipo de poder a tentar se libertar das amarras físicas e psicológicas de seu opressor. Nos processos de lutas anti-colonialistas, os povos colonizados resistiram de várias maneiras, fugindo ou fazendo rebeliões para tentar sair da situação de escravização, por exemplo. Quer seja na Jamaica, no Brasil, na África ou nas colônias européias de fala francesa, as pessoas negras, indígenas, quilombolas, *maroons*, se insurgiram inúmeras vezes contra os governos metropolitanos em movimentos armados, organizados ou não, constituindo estratégias de enfrentamento e resistência à opressão.

Embora o tipo de resistência que o estudo pós-colonial investiga seja diferente desse tipo, não podemos desconsiderar que as rebeliões também foram uma forma de resistir. Para Harlow (1987), a forma de resistência armada não é menor ou pior do que a resistência cultural. Toda forma de lutar contra o imperialismo era válida, pois todos buscavam os mesmos ideais de liberdade política e econômica. Em conformidade com González (2020, p.139), podemos elencar alguns grupos que participaram dessas revoltas, construindo estratégias para sobreviver

---

<sup>11</sup> Do original: In each case a condition of alienation is inevitable until the colonizing language has been replaced [...] That imperialism results in a profound linguistic alienation is obviously the case in cultures in which a pre colonial culture is suppressed by military conquest or enslavement.

em uma sociedade livre: “quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages e maroon societies”<sup>12</sup>. A ligação que as pessoas subalternizadas tinham com suas terras, com sua cultura ou a busca pela liberdade foi o que fez possível continuar lutando e resistindo.

Para o pós-colonialismo, a resistência literária é um tipo de objeção à subalternização de forma escrita. É a forma encontrada para lutar contra os dominadores com palavras, estas que ficam arquivadas para que futuras gerações possam ler. Dessa forma, Cudjoe (1980 apud Ashcroft et al. 2013, p. 231) afirma, “Na literatura as palavras precisam ser como balas. [...] Com a enorme urgência da revolução, a literatura torna-se funcional no sentido de que se tem uma tarefa muito importante a ser realizada.”<sup>13</sup> Por isso o debate sobre resistência literária é tão importante, pois deu voz aos subalternizados, fazendo com que alguns deles se desprendessem das amarras ideológicas impostas pelo colonialismo europeu, lutando pela liberdade, lutas essas que atravessaram o tempo e se mantiveram mais fortes e formaram os ativistas que ainda lutam pela sua autonomia.

A próxima seção deste trabalho tem como função proceder com a análise do livro *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém*, onde investigaremos algumas estratégias de enfrentamento à cultura hegemônica como a ligação da protagonista com suas raízes ancestrais que lhe permitirá um movimento importante de resistência.

---

<sup>12</sup> Grupos espalhados pelo continente americano que participavam de comunidades e se manifestavam em revoltas a favor de uma sociedade livre para seus iguais.

<sup>13</sup> Do original: “In literature words must be like bullets. [...] With the crushing urgency of the revolution, literature becomes functional in that it has a very real task to perform.”

### 3. ANÁLISE DA ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA EM *EU, TITUBA* — *BRUXA NEGRA DE SALÉM*

#### 3.1. RESUMO DA OBRA

*Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém* é um romance histórico que narra a trajetória de vida de Tituba, uma das primeiras mulheres acusadas de bruxaria e julgadas no tribunal de Salém no evento que ficou conhecido como Julgamento das Bruxas de Salém, ocorrido no ano de 1692. Narrada em primeira pessoa, a obra se desenvolve no século XVI e XVII e acompanha o deslocamento da protagonista em diversos espaços geográficos, tais como Barbados e o território que veio a se chamar Estados Unidos.

Tituba era uma mulher negra, nascida em terra colonizada pelos britânicos, mais especificamente numa *plantation*, ou seja, numa fazenda de plantação de cana de açúcar em Barbados, um dos principais países da América que eram rota do tráfico escravista. A personagem fora fruto de um abuso sexual que sua mãe, Abena, sofreu durante a diáspora - imigração forçada da África para o país caribenho. Por isso, durante muito tempo Tituba percebe a rejeição materna e não consegue desenvolver laços afetivos com a mãe. No entanto, Yao, o marido de Abena, ajudou a reconstruir o relacionamento entre elas.

A vida de Abena não durou muito, pois ao reagir a uma tentativa de estupro, é acusada por Darnel – abusador e dono da *plantation* - julgada e levada à forca em praça pública. Tituba tinha apenas sete anos quando presenciou a punição e enforcamento da mãe, e a morte de Yao logo em seguida deixa a menina órfã. Expulsa da *plantation*, Tituba é acolhida por Man Yaya, que se torna a figura materna e lhe ensina o respeito pelas pessoas, animais e plantas, mostrando-lhe principalmente como se conectar com o mundo espiritual. Pouco tempo depois, Man Yaya também morre, mas dessa vez Tituba não se entristece, pois sabe que mesmo sem a presença física, elas sempre estariam juntas.

A jovem Tituba, agora com quatorze anos, não queria ser temida pelos escravizados assim como Man Yaya, por isso, passou a visitar as plantações e ajudar aqueles escravos que necessitavam de seus poderes de cura. Em uma dessas visitas ela conheceu John Indien, um homem escravizado que pertencia à senhora Susanna Endicott. Tituba encantou-se por aquele homem, mudou sua aparência para agradá-lo, abdicando inclusive de sua liberdade, e retomando assim as regras do mundo colonizado, que há muito tempo havia sido apagado de sua memória.

John e Tituba vão morar em um casebre na propriedade que a viúva Susanna herdara do marido. John Indien gostava da vida que levava na *plantation*, pois, para ele, servir a Susanna Endicott não era sacrifício, mas sim uma obrigação confortável.

Enquanto Tituba não se entregava para ser aceita, John Indien continuava a reiterar “O que importa para um escravizado é sobreviver.” (CONDÉ, 2019, p. 53). Logo, Tituba se desgasta cada vez mais, pois vai perdendo o respeito que tinha a si mesma e se afastando das suas crenças. Ela também não tinha sentimentos bons sobre sua senhora e sabia que Susanna era capaz de tudo para lhe prejudicar, por isso agiu primeiro, por meio de orações, rogou sobre Susanna Endicott uma doença humilhante. Contudo, isso resultou na venda de John Indien e Tituba para Samuel Parris, um pastor a caminho de Boston, no território do que viria a se tornar os Estados Unidos. Parris, em vista do seu ofício, tratou logo de batizar e casar Tituba e John Indien sem ao menos lhes pedir permissão para realizar o matrimônio. A noiva se mantinha em silêncio, simbolizando sua subalternização.

Embora Tituba não recebesse simpatia nenhuma de Samuel Parris, que a batia, humilhava e abusava psicologicamente da escrava em todos os momentos possíveis, as mulheres da família Parris foram receptivas com Tituba, principalmente a esposa, Elizabeth, e a filha, Betsey, o que era até incomum, já que deveriam ter uma relação entre dono e escravizado. A senhora Parris sofria de um mal que nenhum médico jamais havia sido capaz de curar, mas Tituba conseguiu restabelecer sua saúde. A escravizada também cuidava muito bem da pequena Betsey, a filha do casal. Em contraponto, Tituba não gostava da menina que os Parris criavam, Abigail Williams, que tinha muita influência sobre Betsey, além de ser descrita como uma menina dissimulada.

À medida que o tempo passava em Boston, foi permitido que as meninas da família Parris pudessem dar passeios com Tituba e assim contemplar o mar, lugar onde as Betsey e Abigail poderiam espairar e brincar. Em uma dessas idas ao píer, Tituba presenciou um momento muito chocante, que lhe remeteu à sua infância- uma mulher estava sendo enforcada em praça pública- e ela reviveu a morte de sua mãe, sentindo como se tivesse sete anos novamente. Pouco tempo depois, Tituba se descobriu grávida e resolveu abortar pois não acreditava que a maternidade na escravidão fosse motivo de alegria. Além disso, todos da família Parris, assim como Tituba e John Indien estavam sofrendo com a fome, falta de emprego e dinheiro. A chegada do verão traz também uma boa nova: Samuel Parris recebe uma oferta de emprego na aldeia de Salém. Sem pensar duas vezes, o pastor aceitou o pedido mesmo que com um péssimo salário e uma localização não tão amigável.

Quando chegaram a Salém, um sentimento forte de alienação recaiu sobre Tituba. Tal sentimento foi agravado depois da recepção da irmã Mary Sibley, uma mulher curiosa pronta a fazer comentários maliciosos sobre Tituba. Os olhares curiosos das famílias puritanas que habitavam a aldeia dos Parris contribuíram para que as sensações de medo, alienação e abandono aumentassem em Tituba, lembrando-nos do comentário de Man Yaya, ao lhe dizer que Tituba ainda iria sofrer muito na vida.

Eventualmente, não demorou para Abigail e Betsey fazerem amizades com as meninas da aldeia que passaram a frequentar a cozinha da casa dos Parris, onde Tituba passava a maior parte do tempo. As histórias preferidas das crianças eram aquelas que envolviam pactos com o Diabo, e Tituba alimentava a curiosidade delas, apontando as mulheres do vilarejo que ela considerava bruxas. Para Tituba, as histórias que contava às crianças não passavam de brincadeiras e entretenimento.

Achando que poderia confiar em Betsey, em um momento de ansiedade da menina, Tituba lhe disse: “— Tituba sabe as palavras que curam todos os males, que lambem todas as feridas, que desembaraçam todos os nós! Você não sabia disso? [...] Tituba tudo pode. Tituba tudo sabe. Tituba tudo vê.” (CONDÉ, 2019, p. 97). Sabendo dessa conversa, não demorou para que as outras crianças acusassem Tituba de bruxaria.

O inverno assolou Salém deixando a aldeia com um clima mais deprimente e Tituba percebeu que estava começando a imitar as ações das pessoas que a excluía, repetindo preces e usando gestos puritanos. Parecia que nem era a mesma pessoa, estava mais ansiosa e apreensiva, fazendo uso de suas próprias misturas medicinais, como forma de se reconectar às suas origens em seus pensamentos silenciosos. Por outro lado, as pessoas da aldeia insistiam para que Tituba usasse seus poderes para o mal, tentavam subverter seus pensamentos e ensinamentos a todo custo. Por fim, ela declara: "Não vão me fazer um deles! Eu não vou ceder. Não farei o mal." (CONDÉ, 2019, p. 108).

As meninas ocuparam o andar de cima da casa para jogar jogos de azar usando cartas, tarô, o qual seus pais não aprovariam. Não foi por acaso também que a pequena Betsey ficou doente, “[...] caiu dura no chão, com os braços abertos e olhos rolados, um riso exibindo seus dentes de leite.” (CONDÉ, 2019, p. 109), a menina dissimulando um inexplicável ataque, fez com que todos ao seu redor se preocupassem, certamente culpando a protagonista, pois toda vez que se aproximava, Betsey entrava em desespero se pondo a gritar. Não demorou para que Abigail e as outras meninas compreendessem o que se passava e por consequência começaram

a imitar Betsey, caindo no chão e urrando.

Os habitantes da vila de Salém culpabilizaram a mulher negra com fama de bruxa. Tituba não poderia mais confiar em ninguém naquele lugar traiçoeiro: percebeu que as lições de Man Yaya não lhe valiam mais de nada pois não se encaixava àquelas pessoas puritanas. Ela se sentia traída, principalmente por Elizabeth e Betsey, pois ela nunca havia feito mal para a família.

Com a segunda fase desse romance, chega também o mais cruel julgamento que um inocente poderia suportar. Tituba foi a primeira a ser considerada culpada. As meninas culpavam também Sarah Good e Sarah Osborne, mulheres estas que nunca tinham trocado palavra alguma com a protagonista. Violada por todos os lados, a mulher negra foi ainda estuprada por Samuel Parris e por dois companheiros, pressionando-a para que confessasse que ela, Good e Osborne eram aliadas do Diabo.

As três mulheres foram jogadas em uma cela de prisão pequena. Amedrontada, Sarah Osborne culpou Tituba e logo após Sarah Good fez o mesmo, gritando com toda sua hipocrisia, pois todas estavam na mesma situação. O policial, alocou a personagem principal em uma outra cela, juntamente com Hester, acusada de adultério.

Hester aconselhou Tituba, então, a inventar histórias bizarras que os puritanos acreditariam, tais como: animais híbridos possessos pelo Satanás. Cresce em Tituba o desejo de incriminar as mulheres que a acusaram, Sarah Good e Sarah Osborne. As bruxas seriam ouvidas e julgadas pelo mais alto escalão da região, os membros da Suprema Corte da Colônia: John Hathorne e Jonathan Corwin, os detentores das leis puritanas. Tituba estava aflita, mas seus ancestrais vieram tentar acalmá-la, Man Yaya e Abena estavam perto dela para lhe confortar. No dia do grande e primeiro interrogatório, a protagonista cumpriu o combinado com Hester, dizendo ao juiz que o maligno a procurou em forma de homens e animais e lhe obrigou a machucar as crianças da aldeia.

Ao voltar para a prisão, Tituba descobriu que sua fiel amiga e confidente, Hester, havia se enforcado. Certo tempo depois, o governador do Estado declarou perdão geral para as pessoas condenadas por bruxaria, mas Tituba não tinha para quem ou onde voltar. Como ainda devia dinheiro pela sua estadia na prisão, a solução seria vendê-la novamente como escrava.

Um judeu português com o corpo deformado, de nome Benjamin Cohen d'Azevedo, a comprou. Após um período de refúgio na Holanda, Benjamin decidiu tentar a vida nas colônias

estadunidenses, uma vez que perdera a esposa e as filhas mais novas para a coqueluche. Por isso, precisava de uma escrava como Tituba para ajudar a cuidar de quase uma dezena de filhos que lhe restava.

Em forma de agradecimento ao tratamento bondoso que recebe do judeu, Tituba usa seus poderes a fim de que Benjamin e sua filha mais velha, Metahebel, pudessem se reconectar com a esposa/ mãe morta semanalmente. Da mesma forma, a protagonista também conseguia ver os seus entes queridos, Man Yaya, Abena, Yao e Hester que apareciam esporadicamente para visitá-la. O velho Benjamin ainda explorava a protagonista em troca de favores sexuais. Contudo, o que Tituba mais queria, sua liberdade, Benjamin se recusava a dar.

Não obstante, mesmo que a vida para os Cohen d’Azevedo fosse calma e pacífica, os puritanos insistiam em atacá-los de formas diferentes, mas os judeus estavam acostumados a serem perseguidos e não se afligiam com o comportamento das outras pessoas. Quando os puritanos descobriram que Tituba, a bruxa de Salém morava com a família judia, a apedrejaram, e quem lhe cuidou das feridas foram seus próprios donos. À noite, como de costume, o velho judeu dormiu com a serva e um grande desastre aconteceu. Atearam fogo na casa e as labaredas rapidamente se espalharam, causando a morte de todas as crianças.

Conseqüentemente, Benjamin é tomado por um enorme sentimento de culpa, que carregaria pelo resto da vida, “— Foi Deus que me puniu, não pelo desejo que sinto por você. [...] Não, ele me puniu porque eu neguei a única coisa que você desejava, a liberdade!” (CONDÉ, 2019, p. 193). Por conseguinte, Benjamin concede à Tituba uma carta de alforria e lhe compra uma passagem de volta para sua terra, Barbados.

No navio, é reconhecida pelo marinheiro Deodatus como filha de Abena. Quando uma epidemia se instaurou durante a travessia para Barbados, foi Tituba, com ajuda de Man Yaya, que curou os passageiros do navio daquele mal. Ao finalmente chegar em sua terra natal, Man Yaya, Abena e Yao estavam à sua espera assim que o navio atracou no píer. “Não se deixe levar por aí! Vá para casa!” (CONDÉ, 2019, p. 204), fora o conselho de Abena dera antes de sumir. No entanto, a filha tinha dúvidas se ainda haveria casa para ela morar. É Deodatus que lhe informa sua nova moradia: um acampamento de Maroons<sup>14</sup>, homens escravizados que fugiram para viver livres em comunidades. Neste novo agrupamento, ela foi bem recebida, mas não durou até que decidisse retornar à sua casa antiga, por não ser mais aceita por homens e

---

<sup>14</sup> Palavra aplicada a todo afrodescendente que se tornava fugitivo das plantações. “O termo *maroonage*, por analogia, descreve a condição de resistência e de liberdade, ainda que arriscada, na posição paradoxal de estar dentro do sistema escravista e ao mesmo tempo à margem, em contraposição a ele.” (COSER, 2007)

mulheres daquela comunidade de refugiados.

Recebida com muita festa pelos escravizados daquele lado do país, surpreendentemente, ela encontrou sua casa quase da mesma forma que deixou, mesmo que deteriorada pelo tempo. Os escravizados trouxeram-lhe uma novilha, sementes e também lhe ajudaram a limpar e manter todo o local. Tituba então se dedicaria ao que mais gostava, cuidar das pessoas. Descobriu a cura de novas doenças que assolavam seus iguais, descobriu também novos meios de cicatrização, tudo isso com ajuda dos seus ancestrais invisíveis.

Já numa idade mais madura, Tituba descobriu que estava grávida de Christopher, líder dos Maroons. Radiante com a notícia e decidida por um momento a contar ao pai sobre o bebê, a mulher desiste, pois sabe que o homem não mudaria seus ideais por causa dela. Decidiu contar consigo mesma e talvez pudesse mudar as leis do mundo para que seu bebê nascesse num lugar melhor.

Foi então que os escravizados lhe trouxeram um jovem cujo nome era Iphigene, de corpo fragilizado após receber duzentos e cinquenta chicotadas. Após ter suas feridas tratadas por Tituba, o menino já de pé comenta, “Mãe, você precisava mesmo de um homem por perto.” (CONDÉ, 2019, p. 228). O carinho entre eles foi crescendo, compartilhavam histórias e ideais de um mundo diferente e melhor no futuro.

Sabendo dos planos de Iphigene e seu grupo de vingar-se das pessoas brancas das Casas Grandes, Tituba temeu, pois a ideia certamente acarretaria a morte de pessoas inocentes. Como se profetizasse o seu fim e de todos os outros insurgentes, a protagonista fez cumprir o seu destino, não em Salém, mas em Barbados. Os rebeldes foram traídos e tiveram seus planos descobertos antes mesmo de serem colocados em execução- seriam levados à forca.

Desse modo, cumpriu-se o destino de Tituba, por tentar, junto a Iphigene, conquistar a liberdade para o seu povo colonizado. O primeiro a ser enforcado foi Iphigene, enquanto ela, a bruxa, seria a última. Tituba quis gritar, mas de nada adiantaria. “Logo alcançarei o reino onde a luz da verdade brilha sem cessar. Montados sobre a madeira da minha forca, Man Yaya, Abena, minha mãe, e Yao esperavam por mim para pegar minha mão” (CONDÉ, 2019, p. 242).

Tituba se reencontra, finalmente com Abena e Man Yaya, dando fim a um ciclo, e ao mesmo tempo deixando o caminho aberto para novas reconexões. Mesmo depois de morta, Tituba continua a cuidar das pessoas, a curar suas doenças e cicatrizar suas feridas. Estava, agora, finalmente livre. Poderia assumir a forma que quisesse, não precisava perseguir seus

carrascos, pois eles iriam encontrar o seu destino. Assim como um dia Tituba fora escolhida por Man Yaya, ela agora precisava selecionar sua sucessora, alguém que pudesse ensinar o que havia aprendido com sua ancestral. Visto que a mulher morrera antes mesmo de parir o filho que tanto esperava, o mundo invisível deixou-a escolher uma pessoa para ser sua sucessora “Eu procurei por muito tempo. [...] Comparei, pesei, tateei e, finalmente, achei a certa: Samantha” (CONDÉ, 2019, p. 244-245). Tituba dá continuidade, portanto, à linhagem de suas antecessoras e passa a ensinar a Samantha tudo que lhe era permitido, o segredo das plantas, a linguagem dos animais e a descoberta do mundo invisível.

Em vista disso, Tituba não sentia falta de ser humana, pois agora compreendia o passado, o presente e ainda poderia ver o futuro. Ela estava feliz e livre para ser o que queria, quando bem entendia. Sua vida agora não teria fim, se eternizaria em Samantha, para quem a vida também estaria se descortinando.

### 3.2. TITUBA: DESLOCAMENTOS, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

O deslocamento foi algo muito recorrente na vida de Tituba, desde criança, e em poucos locais se sentiu confortável. Nascida em uma *plantation* movida pela escravidão, a personagem principal não conseguia conquistar o amor de sua mãe e também não compreendia a falta de conexão entre elas. Assim, passou boa parte da sua infância se sentindo deslocada. Depois de um longo processo para reestabelecer uma relação de amor materno entre as duas, Abena, sua mãe, é enforcada, fazendo Tituba ser expulsa da *plantation* e precisar encontrar outro lugar para viver.

É então Man Yaya, que vai acolher a menina como filha em sua terra, passando a ser uma figura materna para ela. Além de acolhê-la, a ancestral lhe ensina que Tituba pode ter poderes a partir da natureza e do mundo espiritual. Sobre esse tipo de ancestralidade Hill Collins (2019) argumenta:

“Redes de mulheres organizadas e resilientes, formadas por mães de sangue e de criação, são fundamentais para compreender essa centralidade. Avós, irmãs, tias e primas atuam como mães de criação, assumindo responsabilidades pelos cuidados dos filhos e das filhas de outras mulheres. Historicamente, o cuidado temporário e esporádico de crianças se converte muitas vezes em cuidados de longo prazo ou adoções informais” (p. 174).

É justamente isso que vemos acontecer entre Tituba e Man Yaya, a mulher mais velha

acompanha a protagonista durante toda sua trajetória, ao lado de sua mãe Abena, auxiliando-a nos momentos mais difíceis. Entre os ensinamentos deixados por Man Yaya estavam o falar com o mundo invisível e curar os aflitos. Sobre a importância dos dons recebidos, a protagonista observa: “Hoje, percebo que esses foram os momentos mais felizes da minha vida. Eu nunca estava sozinha, porque os meus invisíveis estavam ao meu redor [...]” (CONDÉ, 2019, p. 34).

No entanto, quando Tituba se desloca para morar com o companheiro, se dispõe a ser mais uma serviçal da senhora de escravos Susanna Endicott, dona de John Indien. Aos poucos, a protagonista desenvolve uma percepção de que estava fazendo um trabalho escravo para a mulher branca que a desqualificava enquanto ser humano sem sequer ser sua dona. “O que me deixava mais estupefata e revoltada era tanto as palavras que diziam, mas a maneira como elas diziam. [...] Falavam de mim e ao mesmo tempo me ignoravam.” (CONDÉ, 2019, p. 51) Aqui fica comprovado o quão subalternizada Tituba se sentia, uma vez que as pessoas consideradas civilizadas ignoravam sua presença como se fosse um objeto, mesmo que ela estivesse no local, mostrando a outremização da pessoa escravizada.

Enquanto John Indien era um servo dócil e obediente, Tituba não aceitava ser subalternizada nem considerada o ‘outro’ exótico, selvagem e preguiçoso. Dessa forma, a personagem passa a se chocar com as atitudes servis do companheiro, e tem a sensação de estar deslocada, de não pertencer àquele lugar. Ao se rebelar contra as tentativas da patroa de mantê-la subserviente, Tituba rogou-lhe uma doença humilhante. Como Susanna Endicott sabia que a doença que lhe acometeu era obra das orações da mulher de seu escravizado, a puniu sumariamente, vendendo-a junto com John Indien. A escravizada, por sua vez, sabia que a punição era injusta: “Sim, eu podia proclamar: “Não, Susanna Endicott! Eu sou a companheira de John Indien, mas a senhora não me comprou. A senhora não possui título algum de propriedade que me enumera [...] Portanto, a senhora não pode me vender [...]” (CONDÉ, 2019, p. 65) No entanto, se manteve calada, pois compreendeu que caso se pronunciasse sobre o assunto iria ser separada do seu companheiro. À Tituba restava obedecer e aceitar o seu deslocamento em silêncio, mesmo contra sua vontade.

Migrando dos mares caribenhos para o Novo Mundo, Tituba se apercebe ainda mais de sua outridade quando é vendida a Samuel Parris, um pastor que partiria para Boston e precisava de escravos. Em uma clara demonstração de força e exercício de opressão, Parris encontra uma forma de calar Tituba quando, além de bater nela infligindo-lhe medo, humilha a escravizada diante de sua família e de John Indien. Subalternizada e em silêncio, resta à Tituba aquiescer e se tornar uma serva obediente, casando-se com John Indien em uma cerimônia religiosa que

nada mais é do que a representação maior da força do sujeito sob o objeto, do “eu” sob o “outro”.

Ao tentar se rebelar contra Samuel Parris, não fazendo a confissão como ele havia mandado, em forma de resistência à imposição da cultura do colonizador, Tituba é mais uma vez espancada. “— Porque tenho que me confessar? Aquilo que se passa na minha na minha cabeça e no meu coração concerne somente a mim.” (CONDÉ, 2019, p. 73), sobre essa passagem, Grada Kilomba (2019) afirma:

A repressão é, nesse sentido, a defesa pela qual o ego controla e exerce censura em relação ao que é instigado como uma verdade “desagradável”. Falar torna-se, assim, virtualmente impossível, pois, quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida. (p. 42)

Esse castigo empregado pelo pastor era a forma com que o homem encontrou de silenciar sua escrava. Então quando Parris fere Tituba com um tapa no rosto, na frente de todas as pessoas presentes, sua intenção era fazer com que a personagem não repetisse sua revolta e se sentisse humilhada, pois ele estava em um patamar acima dela.

Um sentimento muito ruim acometeu a protagonista: “No instante em que entrei em Salém, senti que nunca seria feliz. Senti que minha vida conheceria terríveis provações e que eventos de uma dor inaudita branqueariam todos os cabelos da minha cabeça!” (CONDÉ, 2019, p. 94), estar longe de sua terra significava um afastamento de sua cultura, dos seus iguais, dificultando o acesso espiritual à Man Yaya e Abena.

Tituba percebeu que estava se envenenando pela atmosfera puritana, passando a se sentir oprimida pelas ações que ela tanto desprezava em seus senhores, “Sim, eu me tornei outra mulher. Estrangeira de mim mesma.” (CONDÉ, 2019, p. 104), a mulher escravizada que já se sentia deslocada por estar fora de seu país e longe dos seus iguais, se sente deslocada de si mesma, enfrentando uma séria crise existencial.

Quando a protagonista pensou que já estava estabelecida, os representantes da cultura hegemônica, ocupando lugar de prestígio pois se consideravam superiores, acusam-na de praticar bruxaria e de ensinar as crianças cultos demoníacos. “— Tituba, o que foi que você fez com elas? [...] — Veja o efeito dos seus sortilégios!” (CONDÉ, 2019, p. 111). Pode-se

depreender que Tituba estava sendo acusada porque sua cultura divergia dos costumes de seus acusadores. Sob o olhar inquisidor de todos, a personagem é mandada para a prisão. Seu crime consistia em não ser um homem branco ocidental que pregava o evangelho. Tituba era temida porque era o ‘outro’ e dessa forma, seus carrascos tinham a intenção de vê-la sucumbir.

No momento em que Tituba é presa e colocada em uma cela junto a Hester, descobre mais conexões do que imaginava. Ambas haviam sido presas injustamente, sofrido abortos e tinham o destino marcado pelo calvário de serem mulheres. Hester revelou a Tituba a verdade sobre os homens: “— Me deixe em paz com o seu estraga prazeres, então. Ele vale tanto quanto o meu. Será que ele não deveria estar lá, compartilhando da sua angústia? Brancos ou negros, a vida é boa demais para os homens!” (CONDÉ, 2019, p. 150). Ao refletir sobre o duplo e injusto padrão de sofrimento e punição das mulheres em relação aos homens, Hester revela sua percepção de que nem John Indien, sendo negro como Tituba, enfrentaria o ostracismo social que a companheira vivenciara na mesma proporção. Somente uma mulher conseguiria compreender o que ela estava passando.

Por conseguinte, vemos Hester entrar mais ativamente na obra quando ela incita Tituba a mentir: “— Bota medo neles, Tituba! Descreva-o na forma de um bode com um nariz de bico de águia, um corpo todo coberto de longos pelos pretos e, preso à cintura, um cinto de cabeças de escorpião. Eles vão tremer, e que tremam, que desmaiem!” (CONDÉ, 2019, p. 149). Exatamente ao usar deste mecanismo, imitando as pessoas que desprezava, Tituba consegue se salvar, contando mentiras que a comunidade puritana desejava ouvir. Essa imitação era quase como uma zombaria, já que a protagonista não acreditava no que ela mesma dizia e só fazia aquilo para se manter viva. Isso nos remete ao termo *mimicry*, onde, segundo Bhabha (1984, p. 127), “É desse espaço entre o mimetismo e o escárnio, que a missão reformadora e civilizadora é ameaçada pela destruição da dupla disciplinaridade, é desse meu modelo que a imitação colonial surge.”<sup>15</sup>. Então a argumentação que Bhabha (1984) nos traz sobre *mimicry* é que não é apenas uma imitação, é algo mais subversivo, empoderado. No caso, Tituba usa de um tom de zombaria para imitar o padrão de vida dos puritanos, por mais incomum que fosse para ela.

A zombaria também é uma estratégia empregada por John Indien, que tendo dito à sua mulher repetidas vezes: “O que importa para um escravizado é sobreviver” (CONDÉ, 2019, p. 53) a utiliza por medo de ser julgado e condenado. John Indien, portanto, se joga ao chão e finge ter os mesmos ataques das jovens meninas em uma tentativa de comprovar que havia sido

---

<sup>15</sup> It is from this area between mimicry and mockery, where the reforming, civilizing mission is threatened by the of its disciplinary double, that my instances of colonial imitation come.

alvo de bruxaria, “— John Indien! Você anda fingindo ser atormentado também? Ele mexe a cabeça afirmativamente e diz num tom pretensioso [...] E ele se pôs a imitar um a um os juízes e as meninas [...]” (CONDÉ, 2019, p. 162). Ao se utilizar do mecanismo de *mimicry* para se salvar, John Indien se desvencilha da morte e ainda culpabiliza pessoas inocentes por bruxaria, da mesma forma que os algozes de Tituba.

Mesmo depois de ser tão julgada e maltratada por aquelas pessoas, a protagonista sabia onde encontrar força para resistir às tribulações. Podia sentir a presença de suas ancestrais mesmo que elas não aprovassem suas decisões, os ensinamentos de Man Yaya, Abena e Yao a fizeram resiliente diante das humilhações pelas quais ela passava. Quando Tituba usa seus poderes para curar Betsey, “Sabia que Man Yaya e Abena, minha mãe, não estavam longe. No entanto, desta vez, elas não apareceram para mim e tive que me contentar em adivinhar sua presença silenciosa.” (CONDÉ, 2019, p. 101) Mesmo que as ancestrais de Tituba não gostassem da filha dos Parris, nunca deixaram de auxiliá-la mesmo territorialmente afastadas. Man Yaya decide enviar uma amiga sua para ajudar a sua pupila: “A velha Judah me indicou o nome de cada planta e suas propriedades.” (CONDÉ, 2019, p. 85), essa senhora que era de Boston foi até Salém para ensinar à protagonista sobre os poderes medicinais das plantas daquela região que era tão diferente da sua.

Para todos os efeitos, a tutora de Tituba sempre tentou ensiná-la como resistir: “Man Yaya dissera e repetira: ‘O que conta é sobreviver!’”, (CONDÉ, 2019, 195), era exatamente isso que Tituba estava fazendo, voltando à sua querida terra, para se reconectar e finalmente encontrar-se consigo própria, bem como celebrar a vida com seu povo. Foi por causa dos ensinamentos de seus ancestrais que Tituba sobreviveu às tribulações em terras tão distantes. No momento que ela volta à sua terra e reencontra os seus invisíveis que ela pôde se sentir realocada novamente, “Eles estavam lá, trio invisível entre a multidão de escravizados, marinheiros e espectadores que vieram me receptionar. [...] Man Yaya, [...] Abena, [...] Yao, [...] Renuncio a descrever os sentimentos que me tomaram quando eles me abraçavam.” (CONDÉ, 2019, p. 203). A reconexão da protagonista consigo mesma também se dá quando ela volta a usar seus poderes para curar seus iguais, pois uma parte dela estava sendo guardada e suprimida por muito tempo para não sofrer a mesma sina de sua mãe, Abena.

Uma das formas que também fez Tituba resistir foi tentar lutar contra o imperialismo ao lado de Iphigene. Quando ela decide se juntar ao jovem para uma revolta armada contra os fazendeiros brancos, almejando um futuro diferente para sua filha, Tituba anuncia: “—Escute,

eu sonho que minha filha abra os olhos sob um outro sol.” (CONDÉ, 2019, p. 229) Assim, o desejo comum de liberdade une os dois, mesmo que seus ancestrais não apoiassem essa decisão, pois sabiam como iria terminar. Sobre rebeliões Gonzalez (2020) argumenta: “[..] transformou-se no símbolo da resistência e da luta por uma sociedade alternativa, onde negros, índios e brancos fossem considerados a partir daquilo que os torna iguais” (p. 179), as revoltas eram feitas dessa maneira, pessoas de um mesmo grupo racial se juntavam para lutar contra a opressão.

O resultado da revolução foi a punição por enforcamento, algo de que Tituba e Iphigene não se arrependiam, pois tentaram fazer o que estava ao seu alcance na busca de um mundo mais justo para si e seus contrapartes. Até no momento da caminhada até a morte, os ancestrais de Tituba a guiaram e estavam perto para acolhê-la: “Montados sobre a madeira da minha forca, Man Yaya, Abena, minha mãe, e Yao esperavam por mim para pegar minha mão.” (CONDÉ, 2019, p. 242) Embora não concordassem com as decisões da protagonista, estavam ao seu lado para estender-lhe a mão no momento em que ela precisava.

Podemos constatar que Tituba enfrenta várias fases que oscilam desde criança até sua vida adulta. De uma conexão forte com seus ancestrais, esta protagonista passa pelo silenciamento, pois é tratada como alguém totalmente diferente, um ‘outro cultural’ que precisa se esconder dentro de si mesma com intuito de preservar sua existência. Em seguida, Tituba precisa ter resiliência e silenciar para permanecer viva. A mulher só pôde se encontrar consigo e com a força de sua ancestralidade ao voltar a seu país de origem, Barbados. Lá se sente pertencente mais uma vez, e resiste lutando ao lado de seus iguais, com quem compartilha o sonho de uma sociedade melhor. Assim sendo, Tituba descobre seus poderes após a morte, estando agora finalmente livre para ser o que queria, quando bem entendia, e vivendo plenamente feliz. Sua vida agora não teria fim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, tivemos como intuito analisar a obra *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém* de Maryse Condé sob a ótica dos Estudos Culturais e pós-coloniais. Ao longo do trabalho, seguimos a trajetória de vida de Tituba, mulher que saiu da escravidão e foi forçada a voltar para esse estado novamente, vivenciando a outremização por apenas existir em um corpo negro feminino e racializado. Embora sempre buscasse fazer o bem às pessoas, o que Tituba oferecia ao mundo não era recíproco, pois ela era considerada “o outro”, tendo uma cultura diferente e que por isso não poderia adentrar no mundo hegemônico. Tituba experimentou em vida os conflitos de ser mulher, além de negra, escravizada e bruxa.

Primeiramente, foi apresentado o contexto histórico sobre as origens da bruxaria, começando pela Europa até se disseminar para a América, mais especificamente com a chegada dos puritanos ao Novo Mundo. Em seguida, revisitamos o caso do julgamento das bruxas de Salém nos anos de 1692 e 1693. Ressaltamos que a única mulher a sair ilesa desse momento histórico foi a afro-caribenha Tituba, evidenciando porém sua presença tímida enquanto personagem histórica mesmo após anos tivessem se passado do julgamento oficial. Por este motivo, quisemos trazer para o cerne do debate a importância desta personagem feminina através da perspectiva da escritora Maryse Condé, que no intuito de dar-lhe vida e resgatar sua importância, ficcionalizou uma nova história para Tituba.

No capítulo seguinte, evidenciamos a vida e obra da autora, expondo seu trânsito entre países e culturas diferentes e em como essas suas andanças influenciaram o caráter político de sua escrita. O caminho feito por Condé também incluiu uma experiência de vida na África. Assim, a consciência da origem do seu povo ocasionou melhor compreensão de sua negritude emprestando à sua produção literária um forte teor político, inspirada pelos lugares por que passou, tornando-a única.

Ao chegar no terceiro capítulo, foram feitos o resumo e análise da obra sob a ótica dos estudos culturais. Procuramos mobilizar os principais conceitos do referencial teórico que classificamos no capítulo dois, mostrando como Tituba sofreu e foi ostracizada por ter uma cultura diferente da hegemônica. Enquanto era celebrada em seu país de origem, no Novo Mundo Tituba sofreu e foi duramente punida por ser ‘o outro’. Além de estar aflita por deixar sua terra, a personagem também não se sente pertencente e passa a viver numa bolha de tristeza e insatisfação, só encontrando alento em suas donas, passando a imitar o comportamento das pessoas que ela mais desprezava, anulando a si mesma e a tudo que tinha aprendido com suas ancestrais.

Podemos constatar que Tituba só volta a se reconectar com a sua identidade de mulher afro-caribenha quando passa pela traumática experiência do ostracismo social oriundo das injustificadas acusações de bruxaria. Antes de ser julgada pelos seus crimes, Tituba conhece Hester, sua aliada na cadeia, que irá lhe ajudar a compreender os motivos que a levaram à prisão, e a encontrar estratégias de enfrentamento que pudessem reverter as acusações para que escapasse da morte por enforcamento. A análise proposta evidenciou que a protagonista só encontra a felicidade novamente quando se reconecta às suas ancestrais, Man Yaya e Abena, que nunca a haviam abandonado, nem mesmo quando desaprovavam de seus propósitos de vida. Não obstante, é finalmente na morte que Tituba se reconecta com os seus e descobre a resistência que sempre buscou e que herdara dos seus ancestrais, força esta que se eternizará na personagem Samantha, a quem transmitirá os conhecimentos e o poder de sua ancestralidade.

Concluimos, portanto, que a forma que Tituba usa para sobreviver à cultura do Outro, é resistindo por meio da sua conexão com seus ancestrais, a força que ela herdou dos invisíveis através de Abena, Man Yaya e Yao. Tendo estado sempre ao seu lado, os antecessores de Tituba a encorajaram a ser uma pessoa resiliente que usava seus poderes para o bem, mesmo que as pessoas humanas não os merecessem. Percebemos que as palavras resistência e ancestralidade estão interligadas e que a protagonista da obra em tela só pode resistir e escapar do seu martírio graças às forças invisíveis que lhe aconselhavam e acompanhavam.

Constatamos a importância dos Estudos Culturais e da teoria pós-colonial para compreensão da obra, ao explorar os processos de subalternidade por meio de uma personagem histórica que, justamente por ser considerada o outro, foi esquecida mas resgatada depois de séculos através da ficção de Maryse Condé. Tituba representa, assim, as narrativas de milhares de pessoas negras e escravizadas ao redor do mundo que foram historicamente esquecidas e silenciadas.

A partir dessa pesquisa, foi possível refletir acerca da questão do apagamento de culturas minoritárias e das estratégias empregadas por pessoas localizadas na periferia do globo para continuar resistindo, existindo e resgatando suas narrativas. A obra *Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém* nos mostra como uma mulher negra afro-caribenha pode resistir em meio a tantas tentativas de genocídios, apagamento cultural, dominação escravista, opressão patriarcal, estupro e ainda assim continuar resiliente. A obra em tela nos apresenta a trajetória de vida de uma mulher subalternizada, nos fazendo ter consciência dos martírios que uma personagem do século XVII, sendo mulher, negra e escravizada, precisou vivenciar para reencontrar sua voz e poder. Ao retornar às suas origens em Barbados, a protagonista Tituba recobra a consciência do seu pertencimento cultural e da força do seu povo nas lutas contra a opressão colonial.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Simone A. James. **African Diasporic Women's Narratives: Politics of Resistance, Survival, and Citizenship**. Florida, 2014. 250 p.
- AL-SAID, Afaf Ahmed Hasan. Post-colonialism Literature the Concept of self and the other in Coetzee's *Waiting for the Barbarians: An Analytical Approach*. *Journal of Language Teaching and Research*, Abha, v. 5, n. 1, p. 95-105, jan. 2014.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. 2. ed. Routledge, 2002. 296 p.
- \_\_\_\_\_. **Post-Colonial Studies: The Key Concepts**. 3. ed. Londres: Routledge, 2013. 268 p.
- BHABHA, Homi. **Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse**. The MIT Press, v. 28, 1984. 125-133 p.
- BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 3, p. 11-22, 2006.
- CLARK, Vèvè A.; DAHENY, Cecile. "I Have Made Peace with My Island": An Interview with Maryse Condé. **Callaloo**, n. 38, p. 87-133, 1989. DOI <https://doi.org/10.2307/2931145>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931145>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba — Bruxa Negra de Salém**. Tradução: Natalia Borges Polesso. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 252 p.
- CONDÉ, Maryse. **The Journey of a Caribbean Writer**. 1. ed. Seagull Books, 2020. 232 p.
- CONDÉ, Maryse. **I, Tituba – Black Witch of Salem**. 1. ed. New York: Ballantine Books, 1994.
- COSER, Stelamaris. **Abordagens da Resistência Maroon na Literatura das Américas**. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, a. 3, n. 3, 2007.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 191 p.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 160 p.
- HALL, Stuart; HOBSON, Doothy; LOWE, Andrew; WILLIS, Paul (ed.). **Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies**. Londres: Routledge, 2005.

HARLOW, Barbara. **Resistance Literature**. 1. ed. New York: Methuen, 1987.

ILE EN ÎLE. **Maryse Condé** : Une voix singulière, 15 de jun. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hAb8RyzR9uo&t=1733s>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

GIANNINI, Fernanda Camargo. O orientalismo de Edward Said. Youtube, 23 de julho de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5R2uOoj9K8>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. 269 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. [S. l.]: 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

JONES, J. Nicole. The Best Witch Novel Is One Nobody Talks About. **The Paris Review**. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2020/10/28/the-best-witch-novel-is-one-nobody-talks-about/>. Acesso em: 04 de dezembro de 2021

MANZOR-COATS, Lillian. Of Witches and Other Things: Maryse Conde's Challenges to Feminist Discourse. **World Literature Today**, University of California, Irvine, v. 64, n. 4, p. 737-744, 1993.

NOGUEIRA, Luciana Persice (org.). **Literaturas Francófonas I: o Século XX em debate**. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

OLIVEIRA, A. L. A. R. M. de. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, 2009.

PFAFF, Françoise. **Conversation with Maryse Condé**. 1. ed. [S. l.]: Bison, 1996.

PRYSTHON, Angela. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. **Interin**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-25, 2010

SAID, Edward. **Orientalism**. 1. ed. Londres: Pantheon Books, 1978.

SANSAVIOR, Eva. **Maryse Condé and the Space of Literature**. 1. ed. New York: Routledge, 2012.

STASZAK, Jean-François. **Other/otherness**. International Encyclopedia of Human Geography, Amsterdam, ed. 1, 2008.

STATE, U.S. **Department of. An Outline of U.S. History.** Bureau of International Information Programs, 2011.

SPEAR, Thomas C. Maryse Condé. **Île en Île**, 2021. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/conde/>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Maryse Condé: Guadeloupian author. **Encyclopedia Britannica**, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Maryse-Conde/additional-info>. Acesso em: 25 de agosto de 2021